

Sociabilidades juvenis na Cidade Imperial – A Roda Cultural do CDC na agenda cultural de Petrópolis/RJ¹

Jarlene Rodrigues REIS²

Frederico Ferreira de OLIVEIRA³

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) – UnED Petrópolis

Resumo

A Roda Cultural do CDC é uma manifestação ligada ao *hip hope* em Petrópolis, organizada por jovens da Nação *Hip Hop*, congregando performances de músicos, grafiteiros, poetas e malabaristas. Neste artigo analisamos a presença da Roda na agenda cultural oficial da cidade, publicada pela Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (FCTP) em 2014. Borelli e Rocha, Dayrell e Maffesoli formam o embasamento teórico sobre juventude e *hip hop*. Referências sobre conflitos e visibilidade no espaço urbano completam o quadro. Foi realizada análise de conteúdo das agendas culturais publicadas pela FCTP no ano de 2014 em sua página no Facebook, observando-se que a Roda Cultural ainda tem um longo caminho para a conquista de visibilidade nas mídias oficiais da cidade e da legitimação de sua posição como representante de um importante movimento social em Petrópolis.

Palavras-chave: Petrópolis; *hip hop*; Roda Cultural.

Introdução

Conhecida como “Cidade Imperial”, Petrópolis possui reconhecida tradição artística, associada principalmente a corais locais (“Canarinhos de Petrópolis” e “Meninas Cantoras de Petrópolis”), grupos folclóricos de dança alemã e eventos como o Festival de Inverno (com programação voltada para o teatro, dança e música erudita) e o Petrópolis Jazz & Blues Festival.

Iniciativas ligadas à diversificação desse panorama e à criação de atrações para públicos mais jovens surgiram nos últimos anos em espaços públicos da cidade, com destaque para o Solstício do Som e a Roda Cultural do CDC (Centro de Cultura). O “Solstício” (forma como o evento é conhecido na cidade) acontece semestralmente desde

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Administração. Professora do Curso de Bacharelado em Turismo do CEFET/RJ – UnED Petrópolis, email: jarlenerodrigues@yahoo.com.br

³ Mestre em Administração e em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Professor do Curso de Bacharelado em Turismo do CEFET/RJ – UnED Petrópolis, email: tuofredfo@uol.com.br

2010 em praças do Centro Histórico, contando com apresentações de artistas e bandas de Petrópolis.

A Roda Cultural do CDC, criada em 2007, ocorre às quintas-feiras na Praça Visconde de Mauá, conhecida como “Praça da Águia”, e reúne performances de artistas de rua como músicos, grafiteiros, poetas e malabaristas. Organizada pelo grupo “Nação Hip Hop” de Petrópolis, a Roda Cultural conquistou em 2014 o apoio da Prefeitura Municipal por meio da Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (FCTP), passando a acontecer também em edição especial um sábado a cada mês, com o nome de “Roda Viva”. Outra conquista dos organizadores da Roda Cultural culminou na realização do I Festival de Cultura Urbana de Petrópolis, ocorrido nos dias 21 e 22 de novembro de 2014, também com o apoio da Prefeitura Municipal.

Não obstante a crescente variedade de manifestações culturais e a pluralidade das formas de expressão artística encontradas na cidade, as agendas culturais de Petrópolis permanecem fortemente direcionadas às atividades ligadas àquilo que se pode considerar como uma “cidade imaginada” de representações unitárias, se considerarmos a perspectiva de Canevacci (2004). Da mesma forma, o imaginário da “Cidade Imperial” parece refletir em todo o repertório cultural da cidade, reproduzindo um paradigma de formação de memória coletiva que privilegia determinados elementos em detrimento de outros (MACHADO, 2005).

Considerando-se a agenda cultural oficial da cidade, organizada e publicada mensalmente pela FCTP, neste artigo pretendemos analisar a visibilidade da Roda Cultural do CDC dentro dessas publicações ao longo do ano de 2014. Nesse sentido, utilizaram-se vertentes da literatura referente a juventude, movimentos sociais e *hip hop* (BORELLI; ROCHA, 2008; DAGNINO, 2004; MAFFESOLI, 2012). No campo do espaço urbano e da visibilidade midiática, Canevacci (2004), Simmel (1983), Peruzzo (2013) e Cogo (2004) ofereceram aporte teórico.

Metodologicamente, foram analisadas as publicações mensais da agenda cultural da FCTP durante o ano de 2014 a partir de sua página no Facebook. Os dados coletados e analisados permitiram interpretar a visibilidade dada aos diferentes movimentos culturais da cidade de Petrópolis em sua programação oficial, com foco na Roda Cultural do CDC e em outras atividades do movimento *hip hop* em Petrópolis.

Juventude, cidadania e *hip hop*

Refletir sobre as formas de socialização da juventude implica em considerar de que forma essa parcela da população interage e se organiza diante de contextos sociais cada vez mais complexos e heterogêneos. Em busca de reconhecimento e posicionamento social, os jovens passam por experiências singulares e conflituosas no que tange às desigualdades sociais, à diversidade cultural, ao acesso ao consumo, à participação política e a outros elementos da vida em sociedade (BORELLI; ROCHA, 2008).

Dessa forma, os jovens reagem de forma diversa a problemas semelhantes, desenvolvendo diferentes estilos de vida, como destaca Tavares (2010). Por esse motivo, ao refletirmos sobre a juventude não nos referimos a um grupo de identidade homogênea, mas sim a uma multiplicidade de juventudes e identidades (BORELLI; ROCHA, 2008).

No processo de busca pela própria identidade individual e coletivamente, a juventude muitas vezes questiona as formas legitimadas de comportamento e expressão, definindo mecanismos próprios de organização a partir do distanciamento das estruturas oficiais (BORELLI; ROCHA, 2008). O escapismo das instituições modernas é destacado por Maffesoli (2000) como uma porta que se abre para novas possibilidades de socialização e vida em comunidade entre os jovens, que tendem a acreditar em seus próprios métodos de “auto-organização”, nos quais se destacam relações baseadas em dimensões afetivas e no desejo de “estar junto” (MAFFESOLI, 2012).

Para Tavares (2010), os movimentos juvenis assumem importante papel na organização de uma geração que procura definir seu papel na sociedade e seu estilo de vida. Dayrell (2002), por sua vez, chama a atenção para a sociabilidade juvenil produzida por grupos culturais ligados aos estilos musicais de *rap* e *funk*. De maneira mais ampla, o *hip hop* se destaca como movimento cultural associado aos jovens, principalmente nas grandes cidades. Originado em espaços de segregação urbana nos Estados Unidos e na Inglaterra no final dos anos 1960, o *hip hop* compreende formatos e expressões diversificados como o *break dance* (dança de rua), o grafite e o *rap* (TAVARES, 2010). Tavares (2010) ainda destaca que o *hip hop* dá voz a segmentos excluídos no espaço urbano, sendo associado aos negros, jovens imigrantes, mulheres, etc.

Nessa perspectiva, o *hip hop* se insere num conjunto de novos movimentos sociais com características mais flexíveis que as estruturas políticas tradicionais, como ressaltam Tavares (2010) e Gohn (2004). Seu apelo junto aos jovens se dá em parte por estar situado

no limite das atividades convencionalmente tidas como políticas, em conformidade com os estudos de Castro (2008). A participação dos jovens nos movimentos *hip hop* se reflete também na construção daquilo que Dagnino (2004) chamou de “nova cidadania”, a qual requer sujeitos sociais ativos que lutem pelo reconhecimento de seus direitos e reivindiquem participação nas esferas de definição de um sistema político já existente. Para a autora, a nova cidadania é estruturada “desde baixo”, partindo dos excluídos e marginalizados, “que se recusam a permanecer nos lugares definidos social e culturalmente para eles” (DAGNINO, 2004, p. 105).

Portanto o *hip hop* se apresenta como manifestação artística e social capaz de expressar os anseios de uma parcela da juventude que se encontra excluída nas grandes cidades, pois os mesmos espaços que, para alguns, se oferecem como terrenos “férteis e convidativos”, para outros significam “intransponíveis situações de tensionamento e exclusão” (BORELLI; ROCHA, 2008, p. 38). A juventude do *hip hop*, portanto, naturalmente se vê envolvida em situações conflituosas à medida que procura ocupar seu espaço e superar a opressão à que se considera sujeita. Nesse processo é fundamental alcançar visibilidade por meio da projeção do movimento nas agendas midiáticas locais.

Espaço, conflitos e visibilidade midiática

A luta da juventude do *hip hop* ocorre no contexto de espaços urbanos cada vez mais complexos e difusos, nos quais confluem diferentes interesses, posicionamentos e necessidades. Novas dinâmicas de solidariedade e de manifestação do “viver junto” se configuram nesses espaços, originadas pelo que Maffesoli (2012) considera uma forma de enraizamento dinâmico, característico das cidades pós-modernas.

Segundo Canevacci (2004), as novas metrópoles fogem a qualquer tentativa de ordenação disciplinar em termos de composição urbana. Dessa forma, para o autor, “a unidade estética e política da polis está morta” (2004, p. 120), sendo gradativamente superada a perspectiva da distinção clássica entre o centro e a periferia. Isso implica no abandono da hierarquização tradicional dos espaços urbanos a partir do centro, que submetia à sua autoridade todo o restante. Em vez disso, dá-se espaço a vozes dissonantes e a fluxos desordenados e plurais, sendo a autoridade do projeto urbano cada vez mais descentralizada.

Se o conflito é algo inerente à dinâmica do espaço urbano contemporâneo, convém ressaltar seu potencial de sociação como promotor da resolução das tensões entre lados contrastantes. Nesse sentido, Simmel (1983) resalta a importância dos conflitos associados a sentimentos subjetivos e a “energias interiores que só podem ser satisfeitas através da luta” (p. 134). O conflito entendido nessa perspectiva constitui-se uma forma de realizar a vida urbana de fato, reconhecendo-se as aversões e antipatias que nos afastam da indiferença. Para Simmel, a “oposição nos faz sentir que não somos completamente vítimas das circunstâncias” (p. 127), e por meio dela colocamos nossas forças à prova de modo consciente.

Não obstante o fato de se materializarem no espaço urbano, a expressão das oposições e das divergências se dá em diversas plataformas, sendo fundamental observar sua repercussão nas agendas midiáticas e nas formas de comunicação adotadas pelos movimentos sociais que representam diferentes segmentos da sociedade. Perruzo (2013) resalta a existência de uma “guerra midiática” na qual operam tanto os grandes meios de comunicação quanto os dispositivos pessoais utilizados para registro e compartilhamento de informações, opiniões, vídeos e fotografias. Para a autora, redes de comunicação independentes, redes sociais, comunicação comunitária e veículos alternativos de mídia se destacaram como importantes canais de comunicação durante as manifestações ocorridas nos meses de junho e julho de 2013 no Brasil. Ainda segundo Peruzzo, esse processo evidencia a importância das formas de comunicação que superam os limites da grande mídia por meio do empoderamento de tecnologias capazes de estabelecer redes virtuais que se somam às políticas e presenciais.

Cogo (2004), por sua vez, atribui a mídias como a televisão, o rádio e a internet o papel de darem visibilidade a outros campos da vida social, além de reproduzirem novas formas de estruturação dessas esferas. As mídias incorporam e ressignificam os conflitos da sociedade na medida em que atores e movimentos sociais têm suas ações “tensionadas pela exigência de um tipo de visibilidade pública atribuída pela lógica dos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que também esses atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas...” (COGO, 2004, p. 4). Em busca da visibilidade de suas demandas simbólicas e materiais, os sujeitos sociais se posicionam em canais midiáticos (como os digitais), criando novos modos de expressão da cidadania. A habilidade para utilizar esses recursos comunicativos é muitas vezes desenvolvida à margem da educação formal, o que

reflete uma gestão criativa e solidária de redes de inclusão entre gerações excluídas ou “desigualmente incluídas” (COGO, 2004).

Nesse contexto, o uso das redes sociais se destaca como plataforma de conscientização e de mobilização para os movimentos sociais, especialmente entre aqueles que congregam segmentos da juventude, a exemplo dos grupos de *hip hop*. Em Petrópolis, o movimento *hip hop* tem nas redes sociais um importante espaço de projeção midiática de suas atividades, em especial da realização de seu principal evento, a Roda Cultural do CDC.

A Roda Cultural do CDC no contexto das sociabilidades juvenis petropolitanas

A Roda Cultural do Centro de Cultura (CDC) tem suas origens relacionadas a um conjunto de manifestações de arte urbana de movimentos juvenis da cidade do Rio de Janeiro, que integram o chamado Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP)⁴. A realização de rodas culturais da Zona Norte à Zona Sul do Rio apresenta reflexos em cidades do interior do estado, como acontece em Petrópolis, cidade que aos poucos se consolida como importante cenário para expressões de arte urbana.

O Grupo Nação *Hip Hop* de Petrópolis iniciou em 2007 na cidade a realização da Roda Cultural. A Roda do CDC, como é chamada pelos moradores locais, ocorre semanalmente às quintas-feiras na Praça Visconde de Mauá, conhecida como “Praça da Águia”. A praça é localizada no Centro Histórico de Petrópolis, ao lado do Centro de Cultura Raul de Leoni e do prédio da Câmara Municipal de Petrópolis, numa área considerada como um dos “cartões postais” do município.

Agrupando diversas expressões artísticas, a Roda Cultural traz em sua programação desde performances de artistas de rua como músicos, grafiteiros, poetas e malabaristas, até a apresentação de batalhas de rima, versos de improviso ou *freestyles*, mantendo viva a cultura *hip hop* na tradicional cidade de Petrópolis (MAPA DA CULTURA, 2014).

O ponto alto da Roda consiste na Batalha “Di Versos”, também chamada de Batalha de MC’s, quando vários competidores recitam versos improvisados em ritmo de *rap*, desafiando seus opositores nas respostas e dividindo o público participante na torcida por cada MC. Além disso, os organizadores da Roda Cultural promovem a “Biblioteca da Roda

⁴ O conjunto das rodas culturais de *hip hop* da cidade do Rio de Janeiro formam o Circuito Carioca de Ritmo e Poesia – CCRP, rede independente de produção cultural, regida pelo Decreto nº 36.201, de 06 de setembro de 2012, em especial no Art. 3º, modificado pelo decreto nº 38.266, de 17 de Janeiro de 2014 (DIÁRIO..., 2014).

Cultural do CDC”, a qual estimula a troca e possíveis doações de livros entre os participantes do movimento no dia do evento, como forma de promover a troca de conhecimento, além de incentivar a leitura entre os jovens.

O caráter independente da Roda Cultural do CDC é manifesto da seguinte forma nas palavras de Caslu (2014, s/p.), produtor cultural de eventos em Petrópolis:

A Roda Cultural do CDC é um movimento cultural independente, que acontece semanalmente, estrategicamente localizada em frente à Câmara dos Vereadores como um grito de protesto por espaços culturais na cidade, além de transformar um gramado em palco para muitos artistas locais.

Entretanto, a Roda Cultural do CDC não busca a sua visibilidade apenas pela ocupação do espaço público, mas sim como manifestação da cultura urbana dissonante da cultura tradicional da cidade de Petrópolis/RJ.

Nesse sentido, são notáveis alguns pontos de conflito caracterizados, por um lado, pela necessidade de reforçar as próprias convenções internas e, por outro, como manifestações de rejeição ou desaprovação. É comum organizadores e participantes da Roda Cultural do CDC utilizarem palavras e expressões de ordem como “Resistência, Força e Habilidade!” e “Nossa luta não é em vão!”. Além disso, muitas vezes durante o evento ocorrem manifestações de aspectos específicos dessa “resistência”, a exemplo das seguintes falas:

A juventude da cidade não é só a juventude que participa da Bauernfest, não é só a juventude que participa da Festa da Itália. E aqui, eu creio que a juventude daqui também não tem dinheiro para pagar uma meia entrada de um ingresso num teatro que cobra R\$ 15,00. Nós estamos aqui promovendo um movimento que é nosso por direito. Então essa vai ser a nossa segunda Roda a favor da resistência pela Roda do CDC. Se nos tiraram do gramado, nós vamos ficar aqui promovendo o que é nosso por direito... porque já que nós não temos espaço e não nos dão o direito de poder fazer isso em outros lugares, nós vamos ocupar os locais públicos.

Vamos continuar lutando pela arte na rua e pelo acesso do jovem à cultura. (RODA..., 2013)

Essa realidade de luta e conquistas da Roda ganhou novos contornos quando seus representantes se reuniram com membros da Câmara Municipal para a entrega de projetos referentes à Roda e a proposta da Roda Viva: novo evento, mas com edição mensal, no qual haveria infraestrutura necessária tanto para a realização das manifestações culturais, quanto para o bem-estar do público participante.

A Roda Viva passou a ser realizada em 2014 um sábado a cada mês com estrutura contando com equipamentos de sonorização e montagem de palco, ocorrendo na Praça da Águia, o mesmo espaço utilizado para as edições semanais da Roda Cultural. Além disso, a Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis⁵ passou a viabilizar recursos financeiros destinados à contratação de artistas que se apresentam na Roda Vida, além de assumir o compromisso de incluir o evento na agenda cultural da cidade.

Com programação eclética, a Roda Viva atrai principalmente jovens interessados nas diversas manifestações de arte urbana que lá ocorrem. Segundo os organizadores, o número de participantes pode chegar a cerca de duzentas pessoas em algumas edições, embora números menores ou maiores não pareçam impactar o trabalho por eles realizado (MORAES, 2014).

Dessa forma, um espaço público constantemente fotografado por turistas e visitantes, além de ser utilizado pelos moradores locais para lazer e descanso durante os dias ensolarados, passou a ser palco para a expressão da diversidade cultural urbana existente em Petrópolis: a Roda do CDC não possui em si as características culturais tradicionais de Petrópolis, tais como os corais de música erudita, grupos de danças folclóricas ligadas aos imigrantes europeus, dentre outros movimentos culturais da cidade.

A agenda cultural de Petrópolis: visibilidade e invisibilidade ao *hip hop*

A cultura do *hip hop* e o uso de espaços urbanos apresentam estreita relação quando vistos sob o viés do espaço para a expressão da cultura e sua criação, pois é o cotidiano urbano com suas imperfeições que serve como elemento fomentador das novas formas de expressão cultural dos jovens integrantes dos movimentos *hip hop*.

Contudo a inclusão desses movimentos culturais de juventude nem sempre recebe por parte do poder público a mesma visibilidade de outras manifestações já consagradas ou legitimadas no repertório cultural de uma cidade. No intuito de investigar a visibilidade atribuída às realizações do movimento *hip hop* em Petrópolis dentro da agenda cultural do município, analisamos as agendas divulgadas pela Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (FCTP) durante o ano de 2014, tendo como fonte para a coleta de dados a página

⁵ Órgão da administração municipal de Petrópolis que planeja, organiza e desenvolve ações voltadas para os setores culturais e turísticos no município – FCTP.

da FCTP na rede social Facebook (FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO DE PETRÓPOLIS, 2015).

A FCTP organiza e divulga mensalmente em sua página no Facebook a agenda cultural do município, contendo as principais atrações ligadas ao universo artístico e cultural durante o período considerado. Com base nas programações mensais do ano de 2014, identificamos todas as atividades divulgadas e separamos os dados em cinco categorias, em conformidade com as formas de expressão para atrativos culturais determinadas nas diretrizes do Ministério do Turismo para o Inventário da Oferta Turística (BRASIL, 2006), sendo elas: “música”, “dança”, “literária/oral”, “cênica/performática” e “exposições artísticas”. A Análise de Conteúdo (AC) foi o método norteador para a organização dos dados, sintetizados na Tabela 1. A partir dessa categorização preliminar, procuramos levantar aspectos marcantes da composição da agenda cultural de Petrópolis ao longo de 2014, identificando a frequência e as formas de inserção da Roda Cultural e de outros eventos promovidos pelo movimento *hip hop* nas programações analisadas. Dessa forma, a abordagem durante as análises apresenta orientação quantitativa e qualitativa, pois não obstante a separação categórica e numérica procurou-se investigar a complexidade dos elementos associados à visibilidade do *hip hop* na agenda cultural oficial de Petrópolis.

Tabela 1 – Formas de expressão cultural das agendas mensais da FCTP – Ano de 2014

CATEGORIAS	MÊS - 2014								
	FEV	ABR	MAI	JUN ⁶	JUL	AGO	SET ⁷	OUT	TOTAL
Música	02	12	09	16	16	24	09	11	99
Dança	01	06	09	03	06	13	10	12	60
Literária/oral	02	04	05	00	00	00	00	00	11
Cênica/performática	03	16	11	02	03	21	09	11	76
Exposições artísticas	02	03	04	05	06	05	05	04	34

Elaboração dos autores

A Tabela 1 permite observar que as apresentações culturais envolvendo música, dança e expressões cênicas e performáticas são as que possuem maior expressividade na agenda cultural local, destacando-se nestes quantitativos as apresentações de bandas

⁶ No final do mês de junho e início de julho acontece há 25 anos o evento “Bauernfest”, cuja programação inclui diversas apresentações culturais de música, danças, números cênicos e performáticos tendo a cultura germânica com núcleo fomentador e, por isso estas apresentações (por serem inseridas na agenda cultural como atividades independentes) não foram contabilizadas individualmente para não mascarar os dados pesquisados.

⁷ No mês de setembro acontece o evento “Serra Serata”, tendo como objetivo a celebração da cultura italiana na cidade de Petrópolis, não sendo contabilizadas as apresentações culturais nesta pesquisa.

tradicionais da cidade como Euterpe, Banda Marcial Wolney Aguiar (pertencente ao Colégio Estadual D. Pedro II), além das apresentações de música erudita promovidas pela Sociedade Artística Villa-Lobos. Destacam-se ainda os grupos de danças folclóricas alemãs, por meio da Associação dos Grupos Folclóricos Alemães de Petrópolis, o qual tem como missão a constante homenagem à cultura dos colonizadores de Petrópolis.

No tocante às expressões cênicas e performáticas têm-se diversas apresentações teatrais com temáticas infantis, bem como as apresentações do Sarau Imperial promovidas pelo Museu Imperial. O cenário artístico-cultural da cidade de Petrópolis possui em sua agenda oficial de eventos poucas iniciativas que promovam a cultura juvenil por meio do movimento *hip hop*.

As apresentações orais e literárias, que no período de fevereiro a maio apresentam certa regularidade na oferta e na quantidade, nos meses seguintes não são mais listadas nas agendas oficiais, não sendo possível afirmar se não ocorreram ou se foram suprimidas das programações da FCTP por serem atividades rotineiras. Entretanto, cabe aqui ressaltar que a Roda Cultural do CDC possui no bojo de suas atividades ações correlatas a essa categoria, incluindo declamação e construção de varais de poesia, leitura oral de textos de escritores consagrados e empréstimos de livros a partir da Biblioteca do CDC, conforme esclarecem seus organizadores (CASLU, 2014; MORAES, 2014).

Ainda procurando interpretar as agendas culturais mensais da FCTP em 2014, nelas encontramos somente três eventos envolvendo a Roda Cultural do CDC – todas as referências foram relacionadas à Roda Viva, não sendo divulgada nenhuma das edições semanais regulares da Roda Cultural. Foram inseridas na programação oficial as edições da Roda Viva dos meses de julho, setembro e outubro, cabendo destacar que o evento foi promovido pela primeira vez no mês de maio de 2014.

Contudo, no mês de novembro a Roda Viva não aconteceu devido à realização do I Festival de Cultura Urbana de Petrópolis, promovido pelo movimento *hip hop* com apoio da prefeitura da cidade. Chama a atenção o fato de não ter sido divulgada nenhuma agenda cultural pela FCTP no referido mês, apesar de ter sido realizado não só o evento do movimento *hip hop*, como também o Festival da Cultura Afro Brasileira, com sua primeira edição entre os dias 20 e 23 de novembro de 2014. Convém destacar que o dia 20 de novembro é comemorado em todo o Brasil como uma data dedicada à memória da cultura negra no país, sendo feriado em diversos estados – como é o caso do Rio de Janeiro. Dessa

forma, tanto o Festival da Cultura Afro Brasileira como o I Festival de Cultura Urbana de Petrópolis foram realizados com o intuito de promover reflexões sobre o reconhecimento da cultura negra como elemento da identidade nacional.

Ainda quando se observam os eventos inseridos nas diferentes agendas culturais publicadas pela FCTP, chama a atenção o local desses acontecimentos: praças públicas, Theatro Dom Pedro, Palácio de Cristal e centros culturais, espaços estes geridos pela Prefeitura de Petrópolis; Anfiteatro e pátio do Museu Imperial, além de outros logradouros públicos que acolhem as manifestações culturais divulgadas.

Dessa forma, fica claro o direcionamento da agenda cultural oficial na divulgação de eventos realizados em espaços públicos ou com apoio do poder público local, não sendo inseridas atividades promovidas por organismos e entidades privadas. Nesse contexto, a ausência das atividades da Roda Cultural da programação da FCTP chama a atenção, visto que se trata de um movimento que ocorre com regularidade (todas as quintas-feiras), utilizando-se do espaço público, a exemplo de outras manifestações culturais semanais que constam na agenda oficial. Além disso, a participação na Roda Cultural é livre e gratuita, não sendo exigida qualquer inscrição ou contribuição por parte de seus frequentadores.

A “invisibilidade” na agenda oficial de eventos culturais de Petrópolis faz crer que a cidadania e o acesso aos espaços públicos reivindicados pelos integrantes do movimento *hip hop* é ainda um longo caminho a percorrer, principalmente quando se toma como parâmetro o protagonismo assumido pela cultura germânica nas programações da FCTP. As apresentações dos grupos germânicos e de bandas com repertório erudito estão sempre presentes nas agendas analisadas, ao contrário das atividades da Roda Cultural do CDC, I Festival de Cultura Urbana de Petrópolis e Festival da Cultura Afro Brasileira.

Por outro lado, quando se analisa a página da Roda Cultural do CDC no Facebook, percebe-se uma grande variedade de eventos e realizações do movimento *hip hop* que não se refletem nas agendas culturais oficiais da FCTP. A Figura 1 ilustra dois momentos distintos em que aconteceu a Roda Cultural do CDC, tendo sido divulgados somente por meio da página da própria Roda no Facebook:

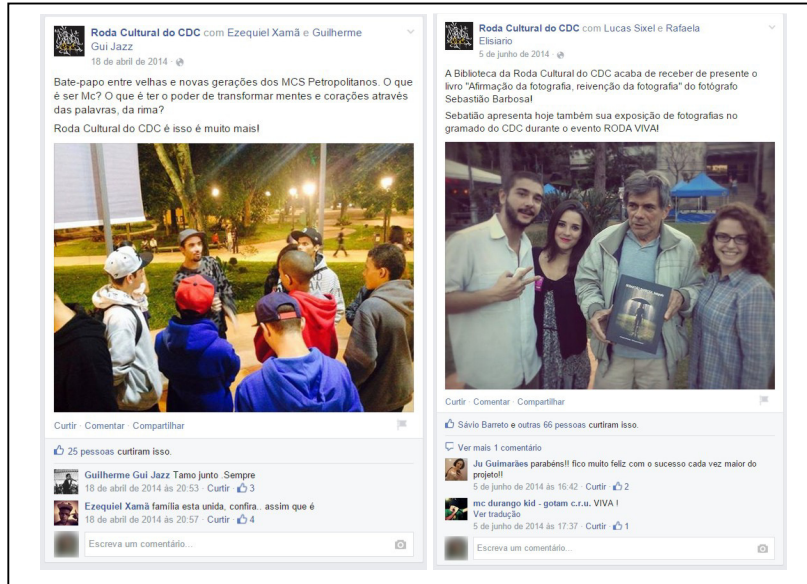


Figura 1 – Edições da Roda Cultural do CDC na rede social Facebook
 Fonte: RODA..., 2014

Na página da Roda Cultural do CDC no Facebook houve, ao longo do ano de 2014, uma série de publicações e postagens com o intuito de reforçar o posicionamento de seus participantes com relação à ocupação da Praça da Águia, reivindicando o direito de se expressarem e de se manifestarem livremente. Não obstante sua invisibilidade na agenda cultural oficial, os jovens da Roda Cultural em Petrópolis têm se projetado em outras mídias no sentido de consolidar o *hip hop* como canal para a manifestação da situação de exclusão das agendas públicas, em conformidade com o pensamento de Boreli e Rocha (2008).

Na mesma perspectiva convém ressaltar, de acordo com Dagnino (2004), que a cidadania é um processo de construção coletiva daqueles atores sociais que se engajam na luta pela reivindicação de seus direitos; nesse caso, pelo uso do espaço público e da visibilidade ao movimento *hip hop* como elemento representativo de uma parcela da cultural juvenil petropolitana. Se a unidade estética de uma polis idealizada está morta, como afirma Canevacci (2004), é preciso que novos movimentos empreendidos pelos excluídos sejam verbalizados, projetados e visualizados pela sociedade, a fim de surjam novas dinâmicas e novos padrões de interação em meio a essa pluralidade cultural.

A juventude que se posiciona ativamente e não se vitimiza, à luz das idéias de Simmel (1983), contribui para emergência de conflitos que servem como pontos de partida para que se possam construir novas perspectivas não somente para o grupo que branda suas reivindicações, mas para toda a sociedade, tornando-a mais justa e cidadã.

Considerações finais

A Roda Cultural do CDC, na medida em que se propõe como plataforma de questionamento e problematização do contexto cultural da juventude petropolitana, aos poucos se consolida como arena para a conquista da cidadania e da inserção social entre os jovens que dela participam. Contudo nesse processo ocorrem conflitos relacionados à própria legitimação e à visibilidade do movimento no cenário cultural da cidade.

Embora o poder público em Petrópolis tenha reconhecido a presença e a importância dos jovens do *hip hop* na cidade, tal medida se deu em circunstâncias controversas, o que ainda hoje se reflete nas dificuldades que o movimento encontra na promoção da Roda Viva. Como dimensão institucionalizada da Roda Cultural, a Roda Viva foi incluída no calendário de eventos da cidade e na agenda publicada mensalmente pela FCTP. Entretanto, como foi possível observar a partir dos dados analisados, essa presença foi inconstante, em detrimento de outros eventos e atrações culturais sempre presentes nessa programação.

Dessa forma, cabe refletir sobre a composição da agenda cultural oficial de Petrópolis, na qual se observa frequentemente o predomínio de realizações associadas à tradicional imagem da “Cidade Imperial”, repleta de atrações consideradas eruditas e já cristalizadas no imaginário local. Entretanto, a agenda cultural oficial da cidade não reflete a diversidade de manifestações e movimentos ligados a outros grupos sociais, como ocorre com os eventos do *hip hop*.

Recorrendo a Machado (2005), encontramos pistas da construção “de uma memória da Cidade Imperial” calcada tanto “na preservação das fontes escritas relacionadas ao Império” como na “criação de uma memória fotográfica que privilegia alguns grupos e monumentos, excluindo a maioria da população, os trabalhadores” (p. 21-22). Se essa é uma herança histórica, como acredita o autor, há parâmetros culturalmente instituídos sobre aquilo que se considera adequado em termos de representação e memória da cidade, o que certamente se reflete na formação da agenda cultural local e na visibilidade atribuída a determinadas manifestações em detrimento de outras. Estas últimas se tornam marginais na medida em que permanecem “invisíveis” nos canais midiáticos oficiais.

No entanto, como nos lembra Canevacci (2004), nas grandes cidades é chegado o momento de ouvir a pluralidade de vozes e o sincretismo dos fluxos sônicos, já não sendo mais possíveis as representações unitárias e totalizantes da vida urbana. A presença da Roda Cultural no Centro Histórico de Petrópolis, nesse contexto, mostra-se forma de expressão

de uma parcela da juventude que reproduz padrões artísticos e comportamentais que divergem dos tradicionais. Ao mesmo tempo, esses jovens procuram legitimar seu movimento e seu posicionamento a partir da ocupação simbólica de um espaço historicamente elitizado e amplamente freqüentado por turistas.

Portanto, ao investigarmos a inserção da Roda Cultural na agenda cultural de Petrópolis, observamos a importância do estabelecimento de um espaço de igualdade no tocante à visibilidade midiática, criando as raízes daquilo que Cogo (2004) considera como uma “comunidade de comunicação na diversidade”, capaz de congregiar diferentes culturas e imaginários.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. **Manual do Pesquisador: Inventário da Oferta Turística: instrumento de pesquisa, formulários C**. Brasília: Ministério do Turismo, dezembro de 2006.
- BORELLI, Sílvia H. S.; ROCHA, Rose de M. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 5, n. 13, Jul. 2008, p. 27-40.
- CANEVACCI, Massimo. MetrÓpole comunicacional. **Revista USP**, n. 63, Set./Nov. 2004, p. 110-125.
- CASLU, Lucas Sixel. **Toque no Brasil**. Disponível em <<http://tnb.art.br/rede/caslu>>. Acesso em 29 de Dez 2014.
- CASTRO, Lúcia R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n. 30, Jun. 2008, p. 253-268.
- COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. XXVII. **Anais...** São Paulo, 2004. CD-ROM.
- DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, D. (Org.). **Políticas de ciudadanía y sociedad civil em tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004, p. 95-110.
- DAYRELL, Juarez. O *rap* e o *funk* na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, Jan./Jun. 2002, p. 117-136.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. In: *Portal da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em <http://doweb.rio.rj.gov.br/ler_pdf.php?edi_id=2300&page=3>. Acesso em 29 Dez. 2014.

FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO DE PETRÓPOLIS. **Petrópolis** - Fundação de Cultura e Turismo. Disponível em <<https://www.facebook.com/fctpetropolis>>. Acesso em 29 Mai. 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2004.

MACHADO, Paulo. H. **Pão, terra e liberdade na Cidade Imperial**: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935. UFRJ/ IFCS, 2005.

MAFFESOLI, Michel. Nomadismo juvenil. **Nômadias**, Bogotá, DIUC, n. 13, Out. 2000, p. 151-159.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAPA DA CULTURA. **Roda Cultural do CDC**: Agenda Fixa – Petrópolis. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/roda-cultural-do-cdc>>. Acesso em 29 de Dez. 2014.

MORAES, Marcelo. A organização da Roda Cultural do CDC. **Registro em MP3**. Entrevista concedida a Jarlene Rodrigues Reis. 20 Nov. 2014.

PERUZZO, Cicília M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **MATRIZES**, ano 7, n. 2, Jul./Dez. 2013, p. 73-93.

RODA Cultural do CDC. Filmagem e edição: Beatriz Ohana. Petrópolis: 10 Jul. 2013. 07'04''. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=-tS-u9e7mj0>>. Acesso em: 23 Nov. 2014.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, E. (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, Maio/ Agosto 2010, p. 309-327.

Redes sociais

RODA CULTURAL DO CDC. **Perfil Facebook**. [S. l.], 2012. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/331317010244232/>>. Acesso em 29 Dez. 2014.